

Mulheres negras costureiras e as suas reconfigurações no vestuário

Black Women seamstresses and their reconfigurations in clothing

Ketillely Luciane de Jesus Purpura¹
Francisca Dantas Mendes²

Resumo

As mulheres são maioria nos setores da construção do vestuário, sobretudo na costura. Com foco na região Sudeste do Brasil, este estudo busca entender a participação da mulher negra no setor da costura nos séculos XIX e início do século XX, período em que estas histórias se entrelaçam com a industrialização e a imigração europeia. Assim, buscaram-se informações sobre a profissão de costureira dentro da cadeia produtiva resgatando, no plano narrativo, um papel que até hoje tem escassa presença na história da moda e do vestuário. Fazendo uso de uma pesquisa exploratória, descritiva e com base em fatos históricos, buscou-se por meio da interseccionalidade e o conceito de Amefricanidade comprovar a relação das mulheres negras com o trabalho subalterno que envolve a costura desde quando estas eram escravizadas, e o desejo de manutenção do lugar do feminino. Portanto, como resultado, concluiu-se que as mulheres que exerceram e exercem a profissão de costureira estão no anonimato por atuarem em uma atividade considerada feminina, logo, um ofício menor, e também pelo cruzamento por raça.

Palavras-chave: mulheres negras; interseccionalidade; costureiras; vestuário.

Abstract

Women are the majority in the clothing construction sectors, especially in sewing. Focusing on the Southeast region of Brazil, this study seeks to understand the participation of black women in the sewing sector in the 19th and early 20th centuries, a period in which these stories intertwine with industrialization and European immigration. Thus, information was sought about the seamstress profession within the production chain, rescuing, on a narrative level, a role that to this day has little presence in the history of fashion and clothing. Using exploratory, descriptive research based on historical facts, we sought, through intersectionality and the concept of Amefricanity, to prove the relationship between black women and the subordinate work that involves sewing since when they were enslaved, and the desire of maintaining the place of the feminine. Therefore, as a result, it was concluded that women who worked and still work as seamstresses are anonymous because they work in an activity considered feminine, therefore, a minor profession, and also due to crossbreeding by race.

Palavras-chave: black women; interseccionality; seamstresses; clothing.

1

Mestre em Têxtil e Moda pela EACH-USP, Especialista em Marca e Produto de Moda pela UAM, Tecnóloga da Produção do Vestuário pelo SENAI, Técnica em Coordenação de Moda e Estilo com experiência de 15 anos atuando na área de desenvolvimento de produto. Atuação na área de ensino de moda e sustentabilidade.

2

Professora Associada na EACH-USP, Doutorado (2010) e mestrado (2006) em Engenharia da Produção pela Universidade Paulista. Lato sensu (2003) em Moda e Comunicação pela UAM e Graduação em Moda (UAM). Coordenadora do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Sustentabilidade em Têxtil e Moda- NAP-SUSTEXMODA.



Mulheres negras costureiras e as suas reconfigurações no vestuário
Ketilley Luciane de Jesus Purpura
Francisca Dantas Mendes

Introdução

A partir da escola dos Annales, movimento historiográfico que surgiu na França no começo do século XX e que se caracterizava por uma insatisfação com as narrativas dominantes dos acontecimentos (BURKE, 2010), narrativas até então centradas na política e nas guerras, passou-se a pesquisar, no âmbito dos estudos históricos, a esfera privada e as “pequenas coisas” do cotidiano, como, por exemplo, os hábitos à mesa, o lazer, as formas de se vestir, etc.³ Com isso, novos atores sociais ganharam o status de agente histórico; entre estes, as mulheres começaram a receber a atenção de historiadores e pesquisadores de outras ciências humanas. Até então, as mulheres estavam fora dos estudos dos acontecimentos, destinadas apenas à obscuridade da reprodução biológica (PERROT, 2005). Sua inserção na pesquisa histórica possibilitou um entendimento mais abrangente das relações de gênero, raça e cultura, como também uma melhor compreensão de sua participação nos âmbitos doméstico, social e econômico.

Com relação à participação econômica, até pouco tempo atrás, boa parte dos empregos ocupados pelas mulheres tinham características relacionadas ao feminino, tais como “a gentileza, a dedicação, a propensão a servir, cuidar e ser prestimosa” (PINSKY, 2012, p. 533). Além do mais, a atividade muitas vezes fazia com que estas permanecessem no ambiente doméstico, como ocorreu, por exemplo, com as costureiras no Brasil.

Este panorama reflete o que Perrot (2005), ao parafrasear Jules Simon, constata quando escreve que, segundo os industrialistas moralistas franceses do século XIX, a costura é a atividade ideal para as mulheres, já que esta atividade é “o meio de conciliar os deveres das mulheres no lar e as necessidades da produção, a preservação da família e o poder econômico” (PERROT, 2005, p. 182). Esta participação econômica, no entanto, não comportou o justo reconhecimento social das mulheres que permaneceram na sombra.

Na história da moda e do vestuário, a narrativa é sempre feita exaltando o ponto de vista de um único criador. Mesmo obras de referência, como a História do vestuário no Ocidente de François Boucher (2010), deixam as costureiras na margem da narração. Apesar do surgimento da máquina de costura no século XVIII, e, mais adiante, o surgimento do pronto para vestir,

3

Entre as numerosas contribuições, ver DUBY, Georges, (org.), História da vida privada, São Paulo, Companhia das Letras, 2009; e LE GOFF, Jacques, “A História do cotidiano”, in LE GOFF et al, História e Nova História, Lisboa, Teorema, 1986.



em meados do século XIX, inicialmente nos magazines, permaneceu o anonimato destas profissionais. Houve a democratização da moda, no sentido de aquisição de produtos, porém, o mérito continuou sendo dado para um único criador de moda, ignorando o trabalho coletivo que está por trás deste tipo de produção na qual a participação das costureiras é fundamental.

Relativamente ao contexto brasileiro não se trata apenas de resgatar o papel das mulheres costureiras, mas também das mulheres negras envolvidas neste processo produtivo. De fato, nesta investigação, o objetivo foi entender a atuação das mulheres negras brasileiras enquanto costureiras nos séculos XIX e XX, período que compreende a passagem para o trabalho livre destas mulheres detentoras de manualidades sofisticadas e acumuladas por gerações, como também de técnicas adquiridas com as modistas estrangeiras que chegaram ao Brasil no contexto da grande imigração europeia que foi massiva sobretudo na região Sudeste. O interesse aqui não é retratar a realidade de todas as mulheres negras em todo território brasileiro, mas sim relatar situações específicas que possam servir de incentivo para estudos mais abrangentes.

Nesta pesquisa, o uso do termo mulheres, bem como costureiras, no plural, foi usado propositalmente para englobar a multiplicidade de mulheres existente no Brasil e a ramificação da profissão da costura. Isto também significa que há a contribuição de mulheres negras no setor do vestuário em todas as regiões do Brasil de extrema importância que poderão render muitas pesquisas futuras.

A questão de gênero no Brasil está interligada com as estruturas que envolvem a classe, raça e idade. A partir do pressuposto que qualquer sujeito não é uma coisa só, cabe ressaltar o que Kimberlé Crenshaw (2016) chamou de interseccionalidade: um sistema que sobrepõe identidades sociais e estruturas relacionadas à dominação e opressão. Ou seja, a ideia de interseccionalidade faz pensar que cada sujeito tem combinações diferentes, sendo assim necessário pensar sobre ele de forma mais ampla. Neste sentido, é certo dizer que a interseccionalidade “aborda as diferenças, dentro das diferenças.”⁴

Compreende-se que a questão de gênero e raça, no contexto da costura, sobretudo no Brasil, é determinante para compreender o papel

4

CRENSHAW, Kimberlé. A urgência da interseccionalidade. Palestra TEDWomen 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br acesso 11 de novembro de 2021.



subalterno da costureira. No eixo histórico-social, as ideias da Cheryl Buckler serviram de estímulo para esta pesquisa. Em dois artigos, *Made in patriarchy: Toward a feminist analysis of women and design* (1986) e *Made in Patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design* (2020), ela questiona, em momentos diferentes, o anonimato das mulheres nos espaços onde os produtos são criados, desenvolvidos e produzidos, associando este dado com as relações de poder. O artigo *The Technology of gender*, de Teresa de Lauretis (1987), auxilia no entendimento da releitura de imagens e narrativas sobre o gênero. O artigo de Lélia Gonzales, "A categoria político-cultural de *amefricanidade*", (1988) é uma contribuição importante no que diz respeito às questões de raça no Brasil. O termo interseccionalidade, elaborado por Kimberlé Crenshaw (2016), aparece neste artigo, por se tratar de uma maneira de interpretar os dados, fazendo um cruzamento entre duas ou mais estruturas, buscando as diferenças.

No eixo da história da moda e vestuário, Gilda de Melo e Sousa (1987), ao pesquisar a sociedade patriarcal do século XIX, auxilia na compreensão das modas e modos do cotidiano deste período. Por sua vez, Graham (1992) e Monteleone (2013) fornecem informações importantes sobre as costureiras do século XIX e XX.

Constatou-se por meio das leituras dos livros *Nova História das mulheres no Brasil* (2012) com textos organizados por Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro, e *História das mulheres* (2003), com textos organizados por Mary Del Priore e coorganização de Carla Bassanezi Pinsky, que a história das mulheres e do seu cotidiano se entrelaça com a história do vestuário no Brasil. Assim, Matos e Borelli (2012) fornecem informações históricas importantes ao relatarem dados sobre as mulheres negras nos espaços produtivos. Nepomuceno (2012) também traz uma contribuição relevante, ao denunciar o anonimato da mulher negra nos espaços domésticos e produtivos, sobretudo na produção e manutenção do vestuário.

Mediante estas contribuições, analisou-se como se deu esse processo de falta de legitimação das mulheres. Na discussão, foram feitos cruzamentos destes dados para que se pudesse responder à questão deste artigo que é a de explicar a posição da mulher negra como costureira.

Entende-se que essas mulheres relatadas são aquelas que fazem parte de uma massa, de uma classe social, ou seja, são aquelas que possuem algu-



ma profissão que não tem nenhum “glamour” na sociedade, pois desempenham os afazeres de casa, cuidam dos filhos, e, além disso, buscam a renda da casa com algumas atividades que as mantêm próximas do seu eixo.

Portanto, o artigo foi estruturado da seguinte forma: primeiro, há a seção da metodologia onde há o esclarecimento de como foi feita esta pesquisa. Em seguida correlacionaram-se os conceitos de interseccionalidade e *amefricanidade*, logo depois houve uma descrição das mulheres negras e de suas multitarefas; na sequência, relataram-se as formas de trabalho das mulheres negras no contexto da costura de roupas; e, finalmente, há uma discussão fazendo um cruzamento entre as mulheres negras e o conceito da interseccionalidade demonstrando que o anonimato das costureiras também está relacionado a raça e ao gênero.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa que se caracteriza como exploratória e descritiva com um estudo de abordagem qualitativa, com o intuito de interpretar os fenômenos (GIL, 2009). O estudo foi realizado com base em uma pesquisa bibliográfica, tendo um recorte histórico, e tem o objetivo de entender o papel da mulher negra como costureira nos séculos XIX e XX. Para complementar, há o suporte de uma pesquisa iconográfica, delimitada aos trabalhos de Jean-Baptiste Debret e Sérgio Vidal, que retrataram a situação das costureiras na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro no século XIX, enquanto o segundo retratou cenários do cotidiano de territórios suburbanos e periféricos na segunda metade do século XX. Assim, foi possível interpretar as imagens artísticas buscando compreender o contexto e o seu significado dentro do tempo histórico retratado. Desta forma foi possível correlacionar os dados com a metodologia da interseccionalidade e *Amefricanidade*.

Embora o contexto da costura esteja presente em todo território brasileiro, esta pesquisa relata situações que envolvem imigração europeia e industrialização, o que gera um conflito que inclui raça e gênero, principalmente na região Sudeste do país.

Na discussão, foram feitos cruzamentos destes dados para que se pudesse responder ao pressuposto da questão deste artigo.



3. Mulheres negras, a costura e cruzamentos sociológicos

O conceito de interseccionalidade foi cunhado inicialmente pela intelectual, professora e advogada afro estadunidense Kimberlè Crenshaw em um artigo publicado em 1989, chamado *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. A partir de uma análise das experiências das mulheres negras no contexto de trabalho, ela identifica uma carência de equidade destas mulheres em relação a outros grupos sociais. Desde então, a interseccionalidade transformou-se em um instrumento sociológico de análise por meio do qual é possível identificar níveis de opressão que podem ser por raça ou etnia, classe social, país de origem, entre outros. Quando esses fatores são relacionados e sobrepostos demonstram que há uma estrutura que discrimina ou exclui certos grupos ou indivíduos de formas diferentes. Segundo Collins, a interseccionalidade

investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS, 2020, p. 16-17)

No Brasil, o conceito de *Amefricanidade* ou *América Ladina* cunhado por Lélia Gonzales (1988), embora tenha sido criado anteriormente, pode dialogar com o conceito de interseccionalidade. Durante as décadas de 1970 e 1980, Gonzales já apontava as desigualdades de gênero, classe social e raça, decorrentes de uma colonização europeia de exploração nas Américas, que resultou em uma condição de desigualdades, sobretudo entre mulheres negras e indígenas.

Para isso, Gonzales (1988) faz uma inversão linguística mudando o protagonismo do latino ibérico para o africano e ameríndio. A inclusão da letra “f” na palavra América foi feita propositalmente para sugerir que todo



o continente americano é composto majoritariamente por negros e consequentemente por sua cultura. E o mesmo ocorreu com a palavra Ladina, onde a letra "d", substituiu a letra "t", indicando também a influência ameríndia em grande parte da América. Desta forma, a autora deixa de enfatizar a influência e as denominações eurocentristas no continente.

A palavra *Amefricanidade* engloba todas as características mencionadas anteriormente e, ainda, tem o objetivo de emancipar e dar visibilidade a grupos até então dominados no continente americano. Além disso, o termo enfatiza a conjunção cultural destes dois continentes.

Entende-se que ambos os conceitos de interseccionalidade e *Amefricanidade* pretendem descentralizar o pensamento feminista eurocêntrico. Pois, estes dois conceitos pregam que há a necessidade de focar em experiências e lutas específicas de povos e indivíduos desfavorecidos.

3.2 As mulheres e suas multifunções

O cruzamento entre os conceitos de interseccionalidade e *Amefricanidade* facilita a compreensão dos espaços ocupados pelas mulheres negras e como estas conseguiram, de alguma forma, desenvolver suas atividades. No Brasil, país que o colonizador teve o objetivo de explorar e oprimir (GONZALES, 1988), a sociedade está "marcada por especificidades de gênero" (DE LAURETIS, 1987, p. 206), onde cada gênero carrega consigo uma bagagem social, cultural e de classe. No caso do Brasil, a desigualdade entre as mulheres negras e as não negras é muito grande, já que as primeiras, até o final do século XIX, pela condição de escravas, estavam submissas dentro de um sistema de exploração. Bebel Nepomuceno esclarece que não coube "às mulheres negras experimentar o mesmo tipo de submissão vivido pelas mulheres brancas de elite até o século XX" (NEPOMUCENO, 2012, p. 383). Essas informações são importantes para pontuar que as mulheres escravizadas eram as que faziam o serviço operacional, enquanto para as bem-nascidas eram reservados os afazeres como o bordado recreativo, as aulas de piano e a leitura. De fato, se uma pirâmide social for analisada, será possível notar que as mulheres negras e as pertencentes aos povos originários estão na base, em contraponto com a mulher branca.



Mulheres negras costureiras e as suas reconfigurações no vestuário

Ketilly Luciane de Jesus Purpura
Francisca Dantas Mendes

3.3 A costureira

Por ser uma atividade doméstica que entrega produtos acabados, a confecção de roupas faz parte da protoindustrialização, que se caracteriza por ser uma “organização industrial que precede e acompanha a industrialização” (CASTRONOVO *apud* CALANCA, 2011, p. 116).

A costureira, ou profissional de costura, é basicamente a responsável por construir uma peça de roupa por meio de uma máquina de costura, juntando as partes, como se fosse um quebra cabeça. É a responsável por materializar uma ideia e também cabe a ela dar movimento a um material: o tecido.⁵ Monteleone descreve que até o século XIX as roupas eram feitas de uma só vez (MONTELEONE, 2013).

Com o processo de industrialização, no entanto, houve a necessidade de uma subdivisão das atividades e “especialização na forma de fazer roupas” (MONTELEONE, 2013, p. 82), sendo que cada mulher podia se especializar em costurar uma parte de uma peça de roupa, ou um modelo. Monteleone (2013) relaciona o fenômeno de especialização das costureiras ao de baixa remuneração a estas, de forma proposital, com o intuito de reduzir cada vez mais o preço.

3.4 A costura como aliada das mulheres negras

Desde o Brasil colônia quem costurava as roupas eram as mulheres negras escravizadas, que se viram obrigadas a criar “estratégias para sobreviver e fazer frente aos desafios cotidianos” (NEPOMUCENO, 2012, p.383). Na pintura “Uma senhora de algumas posses em sua casa” de Jean-Baptiste Debret, de 1823, (Figura 1), é possível visualizar o contexto em que se dão as relações assimétricas entre o mundo do colonizador e do escravo, no caso específico entre duas costureiras negras e uma mulher branca. A composição da cena revela uma hierarquia clara: a senhora ocupa a parte central do quadro; ela está sentada em um sofá com um cesto (gongá) ao seu lado dentro do qual é possível enxergar tecidos e um chicote, este último símbolo de poder e autoridade. Por outro lado, em baixo, sentadas no chão, estão duas mulheres negras que fazem costuras à mão, evidenciando uma relação de subalternidade. É possível perceber uma outra assimetria

5

ANDRADE, Rita. Entre costuras e costureiras com Eliane Chaud. Podcast Outras Costuras: Histórias do vestir no Brasil. 47min. 15 de mar. 2021.



Mulheres negras costureiras e as suas reconfigurações no vestuário

Ketilley Luciane de Jesus Purpura
Francisca Dantas Mendes

nesta ilustração: enquanto o mundo dos brancos é o da leitura (encarnado pela menina que, sentada na cadeira, está aprendendo a ler) e o da projeção de ideias (materializado no recorte do tecido feito pela senhora sentada no sofá), o mundo das pessoas negras é o mundo do fazer manual ou da operacionalidade, como é possível ver tanto no homem que serve refresco quanto nas duas mulheres costurando.

A ilustração ainda sugere que as costureiras estão operando dentro de padrões técnicos orientados pela dona da casa. Neste sentido Sandra Graham (1992) afirma que

Tal como as criadas de quarto, as costureiras trabalhavam próximas às donas de casa. Mulheres ricas que não compravam suas roupas na Europa contavam com as modistas locais para imitar estilos estrangeiros. (GRAHAM, 1992, p. 50)

Figura 1. “Uma senhora de algumas posses em sua casa”, J. B. Debret, Rio de Janeiro 1823



Fonte: Site Itaú Cultural⁶

Monteleone (2013) relata que existiam modistas donas de mucamas que “sabiam lavar, passar e costurar, e que estas valiam bastante no mer-

6

UMA Senhora de Algumas Posses em sua Casa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61289/uma-senhora-de-algumas-posses-em-sua-casa>. Acesso em: 29 de dezembro de 2022. Verbete da Enciclopédia.

cado que vendiam escravos das cidades do século XIX” (2013, p. 71), onde, segundo a autora, diversos anúncios de jornal daquela época noticiavam “as qualidades das escravas costureiras, que podiam ser alugadas por dia” (2013, p. 71). Isto sugere que as mulheres escravizadas que sabiam costurar eram mais valorizadas que as demais.

O que importava, era achar costureiras que tivessem conhecimento técnico da costura. Reis (2021) descreve que as modistas eram as “mulheres brancas e estrangeiras”, (2021, p. 5) sendo que as primeiras modistas eram as francesas. Mas esse quadro foi alterado no decorrer do século XIX. Muitas mulheres nascidas no Brasil, adquiriram conhecimentos das técnicas francesas de corte e costura, e passaram a abrir seus próprios ateliês. Já as costureiras eram aquelas que exerciam um trabalho mais mecanizado, porém essencial (Reis, 2021).

Ainda neste período, as costureiras faziam parte da criadagem doméstica de uma casa abastada, seja por um dia, semana ou mensalmente. E com isso esperava-se que estas mulheres dessem conta de lavar, secar, passar, engomar, remendar estas roupas, recosturá-las e transformá-las (MONTELEONE, 2013). A condição de escrava colaborou para estabelecer uma sobreposição de tarefas.

Com a abolição da escravatura e a profissionalização da categoria da costureira, houve uma evolução, onde os serviços destas profissionais podiam ser contratados por hora, por dia, ou por prazo determinado ou indeterminado, mediante pagamento, tendo como proteção, as leis trabalhistas. Por outro lado, era costume de as mulheres mais abastadas adquirirem uma máquina de costura.

Em seu ensaio “O espírito das roupas”, Gilda de Mello e Sousa (1987) analisa a moda do século XIX, quando a máquina de costura foi uma ferramenta da classe de mulheres trabalhadoras no processo de constituição do ofício de costureira dentro de casa o que substituiu alguns hábitos manuais e fez com que a casa dessas mulheres se alternasse entre lar e local de trabalho, mudando a rotina da casa.

Com a profusão das escolas capacitantes nos séculos XIX e XX, algumas dessas mulheres passaram a ser proprietárias do seu modo de produção, porém com pouca visibilidade. Em grande parte, as atividades eram



Mulheres negras costureiras e as suas reconfigurações no vestuário

Ketilly Luciane de Jesus Purpura
Francisca Dantas Mendes

realizadas no próprio domicílio, e, no caso das costureiras, as peças de roupa prontas eram entregues para grandes confecções ou lojas, onde o pagamento era feito por peça (MATOS; BORELLI, 2012).

4. O cruzamento entre os conceitos

Entende-se que as costureiras também são artesãs e figuras fundamentais no processo de confecção de uma peça de roupa. Esta profissão, sobretudo no Brasil, como já foi dito, é ocupada por mulheres. O quadro do artista plástico Sérgio Vidal da Rocha, "As Costureiras" (1973), (figura 2), comprova este argumento ao retratar o trabalho artesanal das mulheres costureiras, num ambiente caseiro, parecendo ser informal, de forma que o artista quis mostrar o cotidiano desta profissional, num processo de confecção de um vestido. Diferentemente da obra de Debret (figura 1), o quadro de Sérgio Vidal sugere que a mulher negra costureira, é, além de detentora do conhecimento técnico e operacional, proprietária do seu modo de produção.

Figura 2. "As Costureiras", (1973) – Sérgio Vidal da Rocha



Fonte: Site Museu-Afro Brasil de São Paulo.

Isto posto, deve-se à expansão da utilização da máquina de costura o aumento no número das vendas de roupas e também a “criação dos ateliês de costura, onde trabalhavam várias costureiras ou alfaiates ao mesmo tempo sob a batuta de um mestre”. (MONTELEONE, 2013, p. 81)

Embora o quadro de Sérgio Vidal da Rocha apague as relações de poder, sendo uma imagem idealizada da costureira negra, geralmente, entre os mestres havia mulheres imigrantes europeias, que eram as proprietárias dos ateliês de costura. Muitas delas compravam uma máquina de costura, com o intuito de abrir um negócio (MONTELEONE, 2013). Neste contexto, faz sentido o que Buckley (2020) argumenta: as estruturas de poder e status devem ser encontradas em lugares e espaços onde as “coisas” são projetadas, produzidas e montadas. Pois dentro destes ambientes também há hierarquia.

Embora Buckley (1986, 2020) defenda que a moda possua um universo verdadeiro ao subverter as noções dominantes do bom design, aceitando com entusiasmo o que antes era considerado feio, esta mesma moda exclui, discrimina e padroniza cotidianamente aqueles que não possuem requisitos por ela impostos, estabelecendo relações de poder. E por ser um fenômeno efêmero, essas subversões tornam-se variáveis também, fazendo com que o padrão seja inalcançável. Mais especificamente, a moda, na história moderna ocidental, enquanto fenômeno social, ajudou a consolidar um tipo de imaginário feminino padronizado.

Ao citar a obra de Ahmed (2017), Buckley (2020) refaz a seguinte pergunta da autora: Como podemos desmontar o mundo que foi construído para acomodar apenas alguns corpos? Para responder a esta pergunta, se deduz que a palavra corpos está no seu sentido duplo que pode contemplar tanto o corpo físico quanto o corpo social. Logo, faz sentido ressaltar o conceito da interseccionalidade, uma vez que as características fenotípicas somadas com a classe social, localização geográfica, gênero e raça, serão determinantes para manter uma ordem estabelecida.

Entende-se que o feminino emprega o cotidiano para a participação contínua de várias pessoas na fabricação, produção e montagem de roupas. Portanto espaços tais como: ateliês de costura, fábricas e confecções, são vitais para que essas “modas” sejam percebidas (Buckley 1986, 2020).



No contexto da produção e confecção, as costureiras, que possuem a técnica de montar as roupas, e muitas vezes até de modelar, são destinadas ao “chão de fábrica”, ou seja, trabalham no nível mais baixo da estrutura da fábrica. Estas profissionais não se veem consumidoras das roupas que elas mesmas ajudaram a construir. E ainda há a descaracterização do fazer, uma espécie de *fordismo*, ao impor a adoção da produção em massa, na qual cada costureira monta apenas uma parte da peça, para agilizar a produção, com o menor custo e com eficiência (LIPOVETISKY; SERROY, 2015).

Cabe sugerir também que a “culpa” deste obscurantismo com as costureiras foi de um movimento chamado por Pinsky de “feminização”, fenômeno este que ocorre quando algumas atividades de trabalho são exercidas majoritariamente por mulheres, (como a das professoras, por exemplo), que “viram o status profissional e o valor real dos salários diminuir” (2012, p. 534).

Mas vale ressaltar que, mesmo com o respaldo da lei, e a vigilância de órgão da categoria, no Brasil e no mundo, as profissionais de costura enfrentavam e ainda hoje enfrentam problemas salariais, com condições de trabalho precário, sem respeitar os aspectos ergonômicos, e algumas vezes beirando o trabalho escravo.

5. Considerações finais

A partir das evidências históricas foi possível compreender como se deu a desvalorização da profissão das costureiras. Com base nos fatos relatados, sugere-se que isto é devido ao fato da profissão se caracterizar pela manualidade e estar relacionada à mulher negra escrava, e às relações assimétricas de poder nos períodos coloniais e imperiais no Brasil, em suma, a um universo em que o feminino é subalterno.

O sistema da moda e a indústria do vestuário, assim como outros setores, refletem a estrutura de um sistema pré-estabelecido. E, neste sentido, o legado e a contribuição relacionada a técnicas de costura das mulheres da diáspora não foram reconhecidos.

Embora a indústria do vestuário seja composta majoritariamente por mulheres, o resultado de um trabalho nunca é creditado para o coletivo,



é sempre mérito de um único criador. E isso pôde ser comprovado pelas contribuições de Monteleone (2013), Graham (1992), Nepomuceno (2012) e Reis (2021), as quais constataam que o trabalho operacional era destinado principalmente às mulheres negras, escravizadas ou libertas, detentoras de conhecimentos técnicos. As modistas, sendo na sua maioria estrangeiras, inicialmente francesas, herdavam o “status” e tinham mais possibilidades de abrir um ateliê de costura.

Na sociedade brasileira, as mulheres, sobretudo aquelas que não pertenciam a famílias abastadas, sempre trabalharam, seja para complementar a renda familiar ou até mesmo para mantê-la. Na medida em que as mulheres foram ocupando o mercado de trabalho, diversificando suas posições, este movimento fez com que ocorresse alguma mudança, resultando no comprometimento de algumas mulheres a se engajarem e reivindicarem melhores condições de trabalho e salários.

Posto isto, este artigo se propôs como estímulo para ulteriores pesquisas que joguem luzes sobre o papel da mulher costureira no processo produtivo.

Referências bibliográficas

AHMED, Sara. *Living a feminist life*. New York: Durham, Duke University, 2017.

ANDRADE, Rita. Entre costuras e costureiras com Eliane Chaud. *Podcast Outras Costuras: Histórias do vestir no Brasil*. 47min. 15 de mar, 2021.

BOUCHER, François. *História do vestuário no ocidente: das origens aos nossos dias*. Tradução: André Telles. Nova edição atualizada por S.H. Aufrère, Renée Davray-Pièkolek, Pascale Gorguet Ballesteros, Florence Müller, Françoise Tétart-Vittu. Ed. Ampliada por Yvone Deslandres. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BUCKLEY, Cheryl. Made in patriarchy: Toward a feminist analysis of women and design. *Design Issues*, p. 3-14, 1986.

BUCKLEY, Cheryl. Made in Patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design. *Design Issues*, v. 36, n. 1, p. 19-29, 2020.



BURKE, Peter. *A escola de Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. -2.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2010.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma; *Interseccionalidade*. tradução Rane Souza. – 1ª ed. São Paulo: Boitempo: 2020

COSTUREIRA: UMA PROFISSÃO SEMPRE NA MODA. *Site Textile.net*. Disponível em: <http://www.textilia.net/materias/ler/moda/moda-vestuario--mercado/costureira_uma_profissao_sempre_na_moda> Acesso em: 13 de set. 2022

CRENSHAW, Kimberlé. A urgência da interseccionalidade. *Palestra TEDWomen* 2016. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br> Acesso em: 11 de nov, 2021

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*: Vol. 1989: Iss 1: Article 8. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf> Acesso em 05/04/2024.

DE LAURETIS, Teresa. *The Technology of gender*. *Indiana University Press*. 1987 p. 1-30.

DUBY, Georges, (org.), *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALES, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*, N° 92/93 (jan./jun.) 1988, p.69-82

GRAHAM, Sarah Lauderdale. *Proteção e Obediência: Criadas e seus patrões no Rio de Janeiro 1860-1910*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

LE GOFF, Jacques. A História do cotidiano, in LE GOFF et al, *História e Nova História*, Lisboa: Teorema, 1986.

LIPOVETISKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. tradução Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.



MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. Em *Nova História das mulheres no Brasil*. Organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

MONTELEONE, Joana de Moraes. *O circuito das roupas: a corte, o consumo e a moda* (Rio de Janeiro 1840-1889). 2013-12-12 Tese de Doutorado apresentado a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo 2013.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. Em *Nova História das mulheres no Brasil*. Organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios na história*. tradução Viviane Ribeiro. 2005

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. *Nova História das mulheres no Brasil*. Organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

REIS, Laura Junqueira de Mello. *Encarrega-se de fazer tudo que lhe encomendar a moda: O trabalho das modistas e costureiras* (Rio de Janeiro, 1815-1840) ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História, Rio de Janeiro, p.1-13, 2021.

ROCHA, Sérgio Vidal. As costureiras. *Site Museu Afro Brasil de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2016/10/14/sergio-vidal-da-rocha>> Acesso em: 10 set, 2022.

SOUSA, Gilda de Mello e. *O Espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

UMA Senhora de Algumas Posses em sua Casa. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61289/uma-senhora-de-algumas-posses-em-sua-casa>. Acesso em: 29 de dezembro de 2022. Verbete da Enciclopédia.

